

Sexualidad, Salud y Sociedad

REVISTA LATINOAMERICANA

ISSN 1984-6487 / n.9 - dec. 2011 - pp.61-90 / Aguião, S. / www.sexualidadsaludysociedad.org

Cenas da circulação: fragmentos de uma etnografia sobre homossexualidade, gênero, cor e mestiçagem em uma favela do Rio de Janeiro

Silvia Aguião

Doutoranda em Ciências Sociais (UNICAMP)
Rio de Janeiro, Brasil

> saguiao@gmail.com

Resumo: Este artigo expõe parte de uma etnografia desenvolvida na favela de Rio das Pedras com enfoque orientado para questões relacionadas à sexualidade, gênero, cor/raça e mestiçagem. Localizada na cidade do Rio de Janeiro, a favela é reconhecida por duas características particulares: a ausência do tráfico armado de drogas e a intensa imigração nordestina. A partir de algumas cenas recortadas do trabalho de campo, busca-se explorar como estes aspectos imprimem conformações específicas às experiências e às representações sobre homossexualidade, gênero e cor/raça, procurando observar como a interseção destes aspectos relaciona-se a processos de diferenciação social e perpassa estruturas e hierarquias sociais nesse espaço.

Palavras-chave: homossexualidade; favela; gênero; cor/raça; diferença

Escenas de circulación: fragmentos de una etnografía sobre homosexualidad, género, color y mestizaje en una favela de Río de Janeiro

Resumen: Este artículo expone parte de una etnografía realizada en la favela de Rio das Pedras, enfocada en cuestiones relacionadas a sexualidad, género, color y mestizaje. Localizada en la ciudad de Río de Janeiro, esta favela es reconocida por dos características particulares: la ausencia del tráfico armado de drogas y una importante inmigración nordestina. A partir de determinadas escenas recortadas del trabajo de campo, se explora cómo esos aspectos marcan contornos específicos a las experiencias y representaciones sobre homosexualidad, género y color/raza. Se observa además cómo la intersección de dichos aspectos está en relación con procesos de diferenciación, atravesando estructuras y jerarquías sociales en ese espacio.

Palabras clave: homosexualidad; *favela*; género; color/raza; diferencia

Scenes of circulation: ethnographic fragments on homosexuality, gender, color and miscegenation in a Rio de Janeiro slum

Abstract: In this article I discuss aspects of an ethnography conducted in the Rio das Pedras *favela*, with focus on issues of sexuality, gender, color/race, and *mestiçagem* (miscegenation). Located in the city of Rio de Janeiro, this *favela* is publicly known for two particular characteristics: the absence of armed drug traffic, and the concentration of migrants from North-eastern Brazil. In scenes from my fieldwork in Rio das Pedras I explore how those aspects imprint specific configurations of experiences and representations about homosexuality, gender, and color/race. I observe how, in processes of differentiation, those aspects intersect social structures and hierarchies within that space.

Keywords: homosexuality; *favela*; gender; color/race; difference

Este artigo apresenta um recorte de conversas e cenas protagonizadas por mim e outros personagens de uma etnografia realizada na favela de Rio das Pedras, zona oeste do Rio de Janeiro, focada nos temas (homos)sexualidade, gênero, cor/raça e mestiçagem (Aguião, 2007). Veremos como em Rio das Pedras (RDP) estes aspectos ganham contornos específicos matizados pela conjuntura social e política específica da localidade em questão.

A pesquisa de campo foi realizada na favela ao longo de dois anos, alternando períodos de maior e menor intensidade e diferentes focos de observação. Iniciei o trabalho na localidade em novembro de 2004, nesta fase, através de entrevistas com indivíduos engajados em relacionamentos afetivo-sexuais heterocrômicos¹ heterossexuais e de observação em campo, procurei elaborar uma análise preliminar das representações veiculadas por esses sujeitos a respeito de cor/raça, mestiçagem, gênero e sexualidade (Aguião, 2004). A partir de setembro de 2005, comecei uma segunda fase de pesquisa com o foco reorientado para questões ligadas à homossexualidade, e já familiarizada com certos aspectos da vida social de Rio das Pedras. Um pouco mais adiante, por um período de quatro meses (de agosto a novembro de 2006), intensifiquei a pesquisa de campo através do aluguel de um apartamento na localidade, onde passei a morar de quatro a cinco dias por semana. Essa presença mais constante garantiu-me maior familiaridade com a vizinhança, conhecer um maior número de moradores e ter uma melhor compreensão do seu dia a dia, além de ter tornado muito mais fácil e prática minha circulação pela noite de Rio das Pedras e arredores.

Nesse sentido, inicio este artigo com uma breve descrição da estrutura socioespacial de formação de Rio das Pedras e, em seguida, narro situações e representações capturadas ao longo do trabalho de campo, particularmente no contexto de sociabilidade noturna da favela.

¹ Uso o termo heterocrômico a partir da sugestão de Moutinho (2004), que toma emprestada a categoria criada por Thales de Azevedo para designar casais de cores diferentes, destacando “a importância dos atributos de prestígio na construção social da ‘cor’” e suas possibilidades de manipulação (:32).

Rio das Pedras: formação socioespacial, controle negociado e violência

A favela de Rio das Pedras está localizada na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, entre os bairros da Barra da Tijuca e Jacarepaguá, e chama a atenção por duas características marcantes: a presença maciça de imigrantes nordestinos e a ausência do tráfico de drogas. O fato de estar numa área plana facilita bastante a circulação, tanto internamente quanto no acesso de moradores de bairros adjacentes. De formação recente (final da década de 1960) e de expansão acentuada nas décadas de 1980 e 1990, seu crescimento parece estar muito ligado à dinâmica de expansão dos bairros entre os quais se localiza.² O Censo de 2000 indicou uma população de 40 mil moradores, já em 2005 jornais apontavam para números variando entre 60 e 110 mil habitantes.³ Moutinho revela um pouco da história da favela, a partir da trajetória de uma família de “pioneiros” da região relatada por seu primogênito:

Como outros do período, o avô de Antônio veio do norte fluminense, chegou à região em 1956 e junto com cerca de outras treze ou quatorze famílias a “desbravaram como bandeirantes: entraram, não tinha dono e eles ficaram”. A narrativa de Antonio e sua força dentro da comunidade se apoiam, sobretudo, no tempo de moradia e na tradição de sua família no local (2002:230).

A respeito da ascensão de sua família, o entrevistado dedicou especial “ênfase no trabalho com deslocamento para a área do comércio e aluguel de imóveis na própria Rio das Pedras” (:230). Época coincidente com o crescimento imobiliário registrado a partir dos anos de 1970, com a expansão da Barra da Tijuca, e de intensificação da migração nordestina para o Rio de Janeiro, este relato nos permite ter uma ideia da influência dos imigrantes na conformação dessa localidade e de como tais pioneirismo, “desbravamento” e tradição são articulados na construção da identidade local.

O controle de todo o território, desde os primórdios de sua ocupação, concentra-se nas mãos da Associação de Moradores e Amigos de Rio das Pedras

² Sobre a dinâmica de expansão de Rio das Pedras, especialmente durante a década de 1990, ver Kasahara (2002).

³ Cf. Jornal O Globo: “Em Rio das Pedras, a ‘Mineira’ é a lei” (20/03/2005). O Dia online: “Contrastes e harmonia” (em: <http://odia.ig.com.br/>) e O Itanhangá: jornal de bairro (em: <http://www.oitanhanga.com>): “Rio das Pedras: A comunidade organizada” (último acesso em 31/01/05).

(AMARP), que parece ter nascido juntamente com uma demanda de expansão regulada. Segundo Burgos (2002:55-6), a ampliação da favela, coordenada pela associação, assegurou “a ocupação do território segundo uma lógica centrífuga, que permitiu maior reprodução de suas características socioculturais, e favoreceu a construção de uma identidade territorial com base na condição nordestina”.

É bastante significativo o fato de uma área com a dimensão de Rio das Pedras possuir uma única associação de moradores. Para além da regulação do território, a atuação da AMARP avança por muitas outras esferas. Também segundo Moutinho, era possível perceber como “a associação expressava preocupações de ordem moral e procurava fornecer parâmetros éticos e normativos à população local”. Chamou a atenção da autora um episódio, narrado por entrevistados, que contava a história do fechamento de uma casa de prostituição na localidade. A associação teria tentado sem sucesso encerrar as atividades do estabelecimento, até que em uma noite “alguns homens teriam chegado sorrateiramente e ateado fogo no local” (2002:226).

Como foi dito, justamente pela ausência do poderio armado do tráfico de drogas, Rio das Pedras não se enquadra no padrão recorrentemente referido em narrativas sobre as favelas do Rio de Janeiro,⁴ e tampouco na abordagem mais frequente dos estudos sociológicos que costumam enfatizar a dimensão da criminalidade violenta e suas causas e desdobramentos.⁵

A explicação para essa exceção à regra, quando nos referimos às favelas cariocas, estaria na substituição da força dominadora (tanto político-social quanto econômica) do tráfico por uma intensa atuação da Associação de Moradores que, contando com o apoio do forte comércio, do mercado imobiliário em expansão e das cooperativas locais, controla, oferece suporte e procura suprir as demandas da

⁴ Em 2005, o “modelo” de Rio das Pedras já recebia atenção nos jornais: “Modelo Rio das Pedras: Até o vetusto diário The Wall Street Journal já falou sobre a ausência de traficantes em Rio das Pedras — tida como a favela que mais cresce no Rio, com 110 mil moradores. Segundo o jornalão, isto se deve à ação de ‘justiceiros’ que afastam à bala o narcotráfico” (Coluna Ancelmo Góis, Jornal O Globo, 13 de fevereiro de 2005). “Milícias de policiais militares expulsam tráfico [...] o primeiro modelo de favela sem tráfico surgiu em Rio das Pedras [...] O assunto é tabu entre os moradores, mas os mais corajosos contam que a lei e a ordem no local são mantidas pela ‘mineira’, grupo armado que mantém afastados os traficantes da região” (Jornal O Globo, 20 de março de 2005).

⁵ Cf. Zaluar & Alvito, 1998; Leite, 2000; Zaluar, 2004, 1985; entre outros.

“comunidade”.⁶ Mas não só, como veremos adiante.

Reportando-se à pesquisa realizada em 2001, Moutinho considerou que o tráfico de drogas e a violência que o acompanha “aparecem em Rio das Pedras como o eixo estruturador das relações sociais – ainda que seja pela sua negação” (2002:238). Ao discutir a presença de uma força controladora denominada “polícia mineira”, responsável por coibir qualquer atuação “indesejável” no local, a autora revela que as referências e as narrativas a respeito da atuação deste tipo de poder a fizeram pensar na “ideia de ‘profecia que se cumpre por si mesma’ desenvolvida por Merton”, a vivência dessa não violência sendo articulada como eixo de estruturação e organização do poder local (página??). Por ocasião da mesma pesquisa, Burgos apontou o fato de que policiais que moram ou frequentam a favela estariam a cargo da segurança do local. Entretanto, por ser “um território da cidade informal, o grau de arbítrio desse tipo de segurança pública é fracamente regulado pelo ordenamento jurídico, estando amplamente permeável a uma moralidade local, para a qual é legítima a máxima ‘aqui, só quem faz besteira some’” (2002:63).

Em dezembro de 2006, episódios de violência ocorridos na cidade trouxeram um sem-número de manchetes e pequenas e grandes matérias aos jornais. Durante dois dias, segundo reportes da mídia, traficantes cometeram uma série de ataques contra delegacias e postos policiais e incendiaram um ônibus na Avenida Brasil. O conflito resultou em 18 mortes (sendo a grande maioria de civis) e em notícias alarmantes que justificavam a onda de ataques como um protesto de traficantes contra as “milícias”⁷ que invadiam e tomavam o controle de diversas favelas da cidade. De acordo com os jornais, um relatório da Subsecretaria de Inteligência do Estado do Rio de Janeiro citaria a presença de “milícias” em 92 das cerca de 510 favelas oficialmente registradas na cidade. Em fevereiro de 2007 outras reportagens já falavam em “guerra entre tráfico e milícias”. Os “milicianos” atenderiam

⁶ Leeds (1978) sugere um modelo de análise em que o termo comunidade é utilizado para tratar da “unidade social”, e o termo localidade, da “unidade geográfica”. O termo comunidade vem sendo articulado em oposição à carga pejorativa adquirida pelo termo favela (Valladares, 2001) para designar conjuntos sociogeográficos de habitações populares. a o ter comunidade quando me refiro ao sentido articulado pelos próprios moradores. Ao longo deste trabalho faço uso do vocábulo localidade quando me refiro ao espaço de Rio das Pedras, buscando o sentido definido por Leeds: “para que a natureza das relações se torne mais uma questão empírica do que de definição, pode ocorrer, idealmente, que não exista qualquer relação personalizada na localidade, apenas relações secundárias e impessoais sem sentimento ou características comunitárias” (1978:32).

⁷ Categoria difundida pelos jornais e que passou a ser largamente utilizada nos meios de comunicação em detrimento do termo “polícia mineira”, apesar de guardar concordância próxima com o seu significado.

pelo nome de “polícia mineira” e seriam grupos formados por bombeiros, policiais civis e militares, aposentados ou na ativa.⁸ Rapidamente Rio das Pedras começou a aparecer na imprensa como exemplo de grande favela que nunca teve a presença do tráfico e como reduto “tradicional” de grupos de “paramilitares”. A imprensa ainda registrava as taxas pagas por comerciantes, a exploração do comércio de gás e a exploração de cooperativas de transporte.⁹

A “milícia” de RDP seria distinta dessa que vinha ganhando notoriedade, pois seria formada por moradores que se organizam para “defender a comunidade” que jamais teve a presença do tráfico, e não por grupos que se organizam para invadir e tomar o controle de favelas antes dominadas por traficantes. Algumas notícias ainda insinuavam que associações de moradores funcionariam como um “braço legal” do poder das “milícias”.

A ausência do tráfico não significa a conformação de um território livre de poderes coercitivos ou a superação do que Machado da Silva chama de “controle negociado”, um “mecanismo de continuidade de uma cidadania restrita, hierarquizada e fragmentada” (2002:224). Aspecto também assinalado por Burgos, ao comentar que ainda que não exista a presença do tráfico, há outros mecanismos de controle social e regulação da participação política (2002:22).

Não me ateno aqui à discussão deste ponto da estrutura sociopolítica de RDP especificamente, entretanto, é significativo reter o quanto a circulação de histórias e representações a respeito da “mineira” estão presentes e são articuladas nos discursos e nas práticas da vida diária da favela.

Durante a primeira fase do trabalho de campo não fiz nenhuma referência direta à “polícia mineira” e tampouco esta foi mencionada. Em geral, espontaneamente no meio da conversa, acabava surgindo alguma menção à “tranquilidade” que é a vida em Rio das Pedras, o “melhor lugar pra criar família”. Após mencionarem essa tranquilidade, eu perguntava o porquê de ela existir ou o porquê de não haver violência. A explicação mais comum se referia ao controle exercido pelos próprios moradores, que não “deixam” a criminalidade se instalar. Uma fala frequente ao serem questionados sobre criminalidade violenta era “Quando tem coisa errada a gente denuncia!”. Porém, o destinatário desta denúncia nunca aparecia de forma clara. Vagamente alguém podia se referir à polícia, ao “pessoal que se organiza”,

⁸ “A polícia privada das favelas” (Correio Brasiliense, 07 de janeiro de 2007); “Direito de ir e vir sob controle” (Jornal O Globo, 08 de fevereiro de 2007).

⁹ “Cabral afirma que não vai tolerar ação de milícias no estado” (em: www.oglobo.com, 07 de fevereiro de 2007); “PMs acusados de colaborar com milícias darão depoimento” (em: www.opovo.com.br, 06 de fevereiro de 2007); “Inspetor sob suspeita” (em: <http://jornalnacional.globo.com>, 06 de fevereiro de 2007).

aos “amigos que ajudam”, ao “Disque-Denúncia” e até mesmo a um simples “tem quem faça!”, mas uma resposta mais direta a esse respeito não aparecia.

A situação mudou quando me mudei para lá. Simplesmente não era mais considerada uma pessoa “de fora” e era tratada como uma nova vizinha ou amiga, e não como pesquisadora. E, desse modo, quase automaticamente, deixou de haver constrangimento no trato do assunto e as referências à “mineira” passaram a ser rotineiras. De forma surpreendente para mim, a antes recorrente menção à tranquilidade de Rio das Pedras foi substituída por narrativas que remetiam a controle, medo de represálias e coerção.

Grande parte da pesquisa de campo foi realizada em espaços de sociabilidade noturna. Sempre acompanhada de moradores locais, em função do lazer noturno em Rio das Pedras, percorri muitos lugares. No próximo item descrevo dois desses espaços de sociabilidade e, mais especificamente, através de cenas e situações ocorridas nesse cotidiano, procuro indicar os tipos de representações que conformam estruturas hierárquicas que regem sistemas de sexualidade, gênero e cor/raça em Rio das Pedras, matizadas pela interferência do controle que impede a instalação do tráfico e pela presença nordestina.

Vida noturna: o “Bar” e o baile

Existe uma estrutura comercial em Rio das Pedras de larga abrangência. Integra essa composição um número infindável de pequenos e grandes estabelecimentos, como bares, botecos e casas de show. Frequentei bastante a vida noturna de RDP e, seja à meia-noite, às 3h ou às 5h da manhã, existe sempre algum movimento na padaria ou na lanchonete 24h, na birosca que ainda vende bebidas. O Castelo das Pedras é o espaço mais famoso da localidade. Por abrigar bailes *funk* que já tiveram muita repercussão na mídia televisiva e radiofônica, o lugar é especial na estrutura de lazer e comercial de Rio das Pedras.¹⁰

Demorei certo tempo para encontrar um local de frequência “mais homossexual” em Rio das Pedras. No início da pesquisa insistiam em me dizer que lá

¹⁰ O baile do Castelo das Pedras já cumpriu um papel significativo na produção de uma imagem de valorização positiva da “comunidade” e talvez, de maneira mais ampla, do próprio funk na cidade. Em fins da década de 1990 e início da de 2000, os bailes ocorridos em Rio das Pedras ganharam notoriedade e atenção na mídia. O “funk sem violência” do Castelo se constituía em oposição ao “funk violento” que até então parecia dominar a cena. Para uma visão mais abrangente da significação desse espaço na estrutura da “comunidade”, ver Aguião (2007). Para uma contextualização dos bailes funk na cidade de maneira mais ampla e sua associação com a violência, ver Vianna (1998 e 1996), Cunha (2001), Cechetto (2004), entre outros.

“não tem preconceito” e que “eles [os gays] estão em todo lugar”. No fim de 2005 apareceu pela primeira vez a indicação de um bar frequentado pelas “entendidas”¹¹ da região e também que o baile do Castelo aos domingos era visitado por “gays” e travestis. Além destas duas indicações, soube de outro bar que era “ponto dos entendidos”, onde “tinha até show de transformista”, mas que “mandaram fechar” há alguns anos.

Era uma noite de sexta-feira do início de outubro de 2005 quando, seguindo a indicação feita por uma entrevistada, fui procurar o “bar das entendidas”. Chamei uma amiga para me fazer companhia e chegamos a RDP por volta das 11 horas da noite. Eu estava de carro e dei uma volta para olhar o movimento geral de uma das principais ruas e escolher onde estacionar. Resolvi que o melhor era deixar o carro perto da praça da Associação de Moradores e ir caminhando. Tinha a localização da rua onde ficava o bar e a referência de ser próximo a uma loja de móveis. A essa altura da pesquisa, ainda não conhecia muito bem os atalhos por ruelas e becos de Rio das Pedras e usar o caminho mais longo era também uma oportunidade de olhar o movimento que era intenso em todo lugar.

Próximo ao Castelo das Pedras já começava a concentração de pessoas na porta e nos bares do entorno. Em outra casa de shows vizinha, o movimento era semelhante, porém de faixa etária visivelmente mais jovem, por volta dos 14 ou 15 anos. Passamos por muitos bares e grupos de pessoas conversando e bebendo nas ruas. Continuamos até a rua indicada. Muito forró pelo caminho, mas chegamos ao final da via sem encontrar nada parecido com um “bar de entendidas”. Voltamos e, dessa vez, redobrei a atenção. Andamos mais um pouco e avistei uma moça que aos meus olhos dava certa “pinta”. Ela limpava e arrumava as mesas de um bar onde o som altíssimo tocava Sandra de Sá. Pensei: “É aqui! Só pode ser!”. Sentamos e a moça veio nos atender, ainda não havia outras pessoas no bar.

O bar ficava na principal rua que corta a favela, portanto, um dos núcleos do lazer noturno de Rio das Pedras. Só funcionava nos finais de semana e a própria dona, sua mãe e mais uma ajudante eram as responsáveis pelo atendimento aos clientes. Ele abriu em meados de 2005 e o grande atrativo do local era o videokê. Nos intervalos entre uma cantoria e outra, o som ficava por conta de DVDs de shows, como o da cantora Ana Carolina e o da banda de forró Calcinha Preta. O espaço interno era bem pequeno, uma cozinha nos fundos separada do salão por

¹¹ Categoria específica de identificação alusiva à orientação sexual, que tem seu surgimento e significado atribuídos ao ideal igualitário da classe média paulista e carioca entre as décadas de 1960 e 1970 (cf. Fry, 1982; Guimarães, 2004 [1977]; entre outros). Devido à limitação de espaço, não me detenho aqui na discussão das diversas categorias existentes e manipuladas pelos sujeitos para se referirem à homossexualidade (Aguião, 2007).

um balcão e um pequeno banheiro. No salão ficava uma das televisões que funcionam para o videokê e para os DVDs; nesse ambiente não caberiam mais do que três ou quatro mesas. A outra TV ficava presa a um suporte na entrada do bar e na calçada estava a maior parte das mesas, geralmente de 8 a 10.

O local não aparecia como um bar “GLS” no discurso da própria dona; segundo ela, seria um espaço onde tem “gente de todo tipo”. No entanto, tomei conhecimento do bar durante a realização de entrevista com uma “entendida”, que o apontou como o único espaço de sociabilidade especificamente homossexual da localidade ou, nas suas palavras: “o bar dos entendidos”.

De fato, o seu público poderia variar entre grupos de mulheres, casais de mulheres, casais hetero, grupos mistos de homens e mulheres e grupos só de homens. Em uma mesma noite era possível perceber esta variação do público local. Lembro-me de uma longa noite de muito movimento que passei no bar. Do início da noite, por volta de 23h, até 3h ou 4h da manhã, estavam ali predominantemente mulheres “entendidas”. Após esse período, o bar permaneceu quase vazio por cerca de uma hora, voltando a encher por volta das 5h da manhã. Mas então o público já era outro, homens e mulheres “hetero”, saídos do baile funk local, que passavam ali para tomar a “saideira” da noite. O bar era bastante frequentado por não moradores de Rio das Pedras, geralmente vindos de bairros adjacentes. Conheci meninas que diziam vir de sub-bairros de Jacarepaguá e do Itanhangá.

Certa noite presenciei por mais de uma vez a dona do bar repreender casais de mulheres que ensaiavam contatos mais íntimos e beijos na boca. Existia uma determinada “etiqueta de conduta” que funcionava ali. Mais do que isso, parecia que certa “etiqueta” precisava ser respeitada para que o bar pudesse existir ali. Uma vez me explicaram que “enquanto não tiver muitos beijos na boca, o bar continua, vão deixando”. Em outra ocasião disseram-me: “lá não é nada muito explícito, se alguém que não conhece olhar, não sabe que é um bar disso [...] a coisa é mais comportada. Se ficar muito explícito, vão mandar fechar”.

Não mantive a visitação sistemática ao bar por conta do excesso de “cantadas” que acabavam por tornar inviável a pesquisa. Qualquer conversa ou mesmo olhar mais descuidado era interpretado como uma possibilidade de “cantada”. Se isto não fosse feito pela minha interlocutora, era por quem olhava de fora. Por conta dessas circunstâncias, algumas situações incômodas acabaram sendo criadas. Por exemplo, a ocasião em que a namorada de uma mulher com quem eu conversava foi chorar no ombro da amiga por achar que a mulher a estava traindo comigo. Eventualmente, eu também recebia “cantadas” insistentes de homens,

quando percebiam que eu estava sozinha no bar.¹²

Outro motivo para não manter a frequência ao local foi o fato de esse programa excluir Priscilla, que foi uma das minhas companhias mais frequentes durante o trabalho de pesquisa. Na época, Priscila tinha 22 anos, negra, moradora de Rio das Pedras há 10 anos e que se apresentava como travesti há dois (antes era um “boyzinho”).¹³ Segundo ela, a dona do “bar das entendidas” não gostava dela e nem falava com ela. Apesar de nunca ter me explicado o porquê dessa situação, deixava subentendido que era por ela ser travesti.

Como em outros espaços, em RDP as travestis carregam consigo o estigma da prostituição. No início da segunda fase da pesquisa, disseram-me que haviam proibido os “gays” de saírem “montados”, e teria sido “porque eles fazem pista lá fora, eles chegam bêbados. Ficam se depravando por aí e não querem isso na favela, na comunidade”. Como comentado antes, em relação ao episódio do fechamento de uma casa de prostituição na localidade (Moutinho, 2002), fica claro que tais aspectos de ordem moral desempenhavam papel importante na normatividade local.

Priscilla não fazia “pista”, mas também não escapava dos boatos. Antes que eu a conhecesse, já a haviam apontado na rua dizendo que ela se prostituía a R\$ 1. E durante o período em que convivemos, eventualmente ela se mostrava preocupada com o que podiam pensar dela.

Seguindo a indicação de que domingo era o “dia mais GLS” do Castelo das Pedras, visitei algumas vezes o baile *funk*. Essas idas eram feitas em companhia de Priscilla e Ivone e, algumas vezes, também de seus respectivos “ficantes” ou “casos”.

Ivone foi uma das figuras principais que me acompanharam e guiaram o meu olhar em Rio das Pedras. Com 37 anos, negra e “entendida”, Ivone gostava muito de me conduzir pelos espaços, apontando lugares e pessoas que estavam ali há muito tempo, e de me contar um pouco da história de RDP, que ela acompanhou ao longo de seus mais de 20 anos de “comunidade”. Também costumava me apontar os “entendidos” e as “entendidas” e, vez ou outra, revelar algumas histórias dos bastidores dos relacionamentos.

Chegando ao baile, de fato existia um local específico no interior da casa em que facilmente podíamos localizar a presença de “gays” e travestis, já mulheres homossexuais não eram tão visíveis. Para mulheres e travestis, o domingo era especialmente

¹² Para reflexões a respeito da inserção do/a pesquisador/a em abordagens que adotaram o trabalho de campo em espaços de sociabilidade onde há certa expectativa de interação sexual como estratégia metodológica, ver Lacombe (2005, 2010), Braz (2009, 2010), entre outros.

¹³ Neste artigo, a não ser quando apontado o contrário, todas as indicações de cor/raça e de orientação sexual são baseadas na autoclassificação dos meus interlocutores.

convidativo para o baile, pois era dia de “Damas Grátis”.

O Castelo das Pedras é uma espécie de galpão bastante amplo, com sua área de circulação sempre mantida livre em dia de baile, sem qualquer tipo de mesa ou cadeira. Do lado direito de quem entra, fica o palco e, ao fundo, o bar. Partindo do bar em direção ao lado esquerdo estão em sequência: a escada que leva ao camarote, os caixas, o banheiro masculino, uma área de circulação e o banheiro feminino. Muitas luzes, muita fumaça, som em volume de fazer tremer os tímpanos e bastante calor!

Era preciso chegar antes da meia-noite para não pagar a entrada; a essa hora a casa ainda estava vazia. O DJ, posicionado no centro do palco, tocava um estilo de *funk* americano de muito sucesso na década de 1990, mais lento e próximo do Charme. No centro da pista, alguns grupos de poucas pessoas encenavam passos coreografados; nesse momento, o baile não havia realmente começado. Ao entrar, o público ia se colocando ao longo da borda da pista, junto da parede, perto do palco, nos arredores do bar. E lá fora ainda era grande a movimentação das pessoas bebendo nas barracas e bares adjacentes, antes de entrar.

A primeira vez em que fomos ao baile entramos alguns minutos antes da meia-noite e nos posicionamos num espaço próximo ao bar e ao palco. Coincidência ou não, no decorrer da noite esse se tornou um *point* de travestis e “gays” (ou “pintosas”, como dizia minha amiga); contei mais de dez travestis circulando por ali. Priscilla me apontou ao menos umas três que ela dizia não serem de Rio das Pedras, justamente as que pareciam mais velhas e que sustentavam fartos implantes de silicone, diferentemente dela própria e da maioria ali.

Passamos a noite inteira mais ou menos no mesmo local. Nos momentos em que me afastei para ir ao banheiro ou mesmo para dar uma volta, aproveitei para observar como aquele *point* parecia à distância e como ele se destacava da multidão do baile. E me surpreendi. Ele não se destacava! Em meio àquela agitação de corpos em movimento e muitas vezes entrelaçados em passos de dança coordenados, aquele grupo não causava atenção especial. Em outras noites tive a mesma impressão, a diferença é que, além do *point*, travestis e “pintosas” podiam ser percebidas espalhadas pelo baile. Também avistei algumas “entendidas” que, ao menos na primeira visita, eu não havia localizado ali.

Diferente do “Bar”, no baile não parece valer a mesma “etiqueta” de proibição do beijo na boca, o que não significa que estejam “liberados”. Os beijos não são exatamente comuns, mas um ou outro pode acontecer. Vi casais de mulheres e casais de travestis com homens e, em uma ocasião, até um beijo “coletivo” envolvendo duas travestis e um “gay”. Entretanto, eram beijos fugazes, pareciam quase roubados e não presenciei nenhuma interação como esta entre dois “gays”.

A domingueira tinha como atração especial a performance de David Brasil no

palco. Promovido pela rádio FM O Dia, o “animador” fazia brincadeiras, contava piadas, improvisava um concurso de dança ou, nas suas palavras, de quem rebola e “levanta melhor a bunda”. Alguns homens e mulheres eram chamados para subir ao palco e o vencedor levava cinco vales de cerveja e uma camiseta da rádio. Momentos antes de o “animador” subir ao palco, tocava o “funk da biba”, que conta a história de um sujeito que usa roupas e tênis de marcas famosas e diz que são presentes do tio, mas que na verdade são presentes do “viado”. David sobe ao palco contando piadas envolvendo “gays” e “bichas” e elas são recebidas pela plateia com muitas gargalhadas.

No dia seguinte à primeira noite que passamos no baile, Priscilla soube pelas amigas que algumas travestis tinham apanhado na noite anterior em um bar próximo ao Castelo, onde era costume ficarem. Um dos “poderosos” locais teria saído do baile um pouco alterado por drogas e/ou álcool e, sem dar qualquer tipo de explicação ou motivo, teria partido com socos e pontapés para cima das travestis que estavam no bar. O “ataque” teria ocorrido bem tarde, depois que já tínhamos voltado para casa. Eu me espantei, tentei questionar o porquê, mas Priscilla e Ivone não se mostraram surpresas.

Em outra noite no baile, próxima às eleições estaduais, o DJ anunciou a presença de um candidato a deputado. Ele estava com uma liderança local no camarote e passaram ali parte da noite cumprimentando e acenando para as pessoas que estavam na parte de baixo. Em determinado momento, subiram ao palco pedindo votos de todos os que morassem em Rio das Pedras e adjacências, prometendo legalizar a entrada para jovens de 16 anos, investir na “tranquilidade” do baile e da “comunidade”, e discursaram sobre a não violência e o não tráfico. Em seguida, foi tocado o trecho de um *funk* que rimava algumas promessas de campanha com o nome e o número do candidato.¹⁴

Nenhum dos candidatos apoiados pelas lideranças comunitárias de Rio das Pedras conseguiu se eleger. Na segunda-feira consecutiva ao domingo de eleição, passou a circular o “aviso” de que as travestis e as “pintosas” em geral (homens e mulheres) deveriam ficar um tempo mais quietas em casa, porque “o pessoal estava nervoso”. Alguns falavam que os “entendidos” deveriam mesmo deixar de ir ao baile por um tempo. Priscilla recebeu um “conselho de amiga” para ficar dentro de casa e “se cuidar”, “principalmente vocês, assim, que gostam de dar pinta”.

Em parte por conta desses “boatos”, deixamos de ir ao baile e limitamos nos-

¹⁴ Por ocasião desse período eleitoral, circulou um boato de que caso os candidatos apoiados pelas lideranças locais ganhassem, abririam uma boate “gay” em RDP. Mas a história não era levada muito a sério pelos “entendidos” da região.

sas saídas aos bares próximos à minha casa e à noite “GLS” de Madureira,¹⁵ não muito longe dali. Um episódio ocorrido numa das noites que passamos nos bares de RDP, e que será posteriormente apresentado neste artigo, foi bastante ilustrativo da ameaça que paira sobre os(as) “entendidos(as)” na localidade.

Algumas cenas da circulação

Apresentarei neste artigo algumas cenas recortadas do trabalho de campo realizado na localidade de Rio das Pedras, através das quais poderemos compreender melhor a existência de determinados códigos de circulação que orientam o trânsito das pessoas dentro deste território específico, bem como outras mediações envolvendo convenções a respeito de sexualidade, disposições de gênero, cor/raça e origem regional.

Cena 1

Uma manhã em que voltávamos para casa a pé – depois de termos passado a noite na casa de uma amiga no outro extremo da favela – Priscilla mostrou-se aflita porque poderiam pensar que ela estava “voltando da prostituição” e disse: “Ainda bem que você está comigo!”. Passei o braço pela cintura dela e começamos a fazer brincadeiras e a rir da situação, e ela foi ficando mais calma. Entretanto, mais adiante, ela voltou a parecer apreensiva; foi quando me dei conta de que ela estava prestando atenção por qual rua deveríamos seguir para chegar em casa. Ela descartou o caminho que seria o mais provável do ponto em que estávamos, e me guiou por outro. Quando chegamos à sua rua, ela disse em tom de piada como era de costume: “Ai, que bom! Agora cheguei no meu espaço. Agora estou segura. Ou quase segura”.

Situações como esta evidenciaram para mim a existência de lugares tidos como mais ou menos confortáveis para os “entendidos” na representação local – locais onde se pode “dar pinta” *versus* locais onde se deve ter outro tipo de comportamento, mais discreto. Seguindo essa lógica, a ameaça se localiza em espaços onde se estaria mais vulnerável ao controle da “polícia mineira”. Mesmo após já ter

¹⁵ Para a reflexão desenvolvida a respeito desse espaço do bairro de Madureira, ver Aguião (2007). Para considerações mais específicas sobre sistemas de classificação envolvendo homossexualidade feminina, gênero, cor/raça e estilos que orientam a sociabilidade e a circulação de corpos e pessoas nesse espaço, ver Aguião (2008).

ouvido falarem muito a respeito, só depois do primeiro mês morando em RDP é que realizei a magnitude do poder de coerção que as histórias contadas e recontadas sobre a atuação da “mineira” significavam na lógica de circulação interna da localidade.

Cena 2

Era uma noite de quarta-feira e me encontrei com Priscilla para irmos a uma boate de Madureira. Mas ela acabou se deparando com um casal de amigos pela rua e resolvemos tomar uma cerveja por ali mesmo e ir para Madureira mais tarde. A conversa foi ficando animada, Ivone ligou dizendo que estava indo nos encontrar e resolvemos ficar por RDP o resto da noite. Já passava da meia-noite quando decidimos trocar de bar à procura de alguma coisa para comer. O casal que estava conosco foi para casa e eu, Priscilla e Ivone fomos para uma padaria 24h, perto do Castelo das Pedras. Havia ainda bastante movimento na rua, já que era quarta-feira, dia em que ocorria um baile funk aberto na principal praça da favela. Mas o baile já havia terminado e cerca de uma hora depois o movimento naquele trecho era apenas o das vans que desembarcavam passageiros. Conhecidos de Ivone e Priscilla passaram por ali, chegando ou saindo, mas não pararam mais do que alguns minutos em nossa mesa. Mais tarde, por volta das 2h da madrugada, a rua já estava bem vazia. Foi quando um carro parou bem em frente à mesa, localizada na calçada, em que estávamos sentadas. Não havia mais ninguém na padaria além da menina que nos atendia.

Eu era a única que estava de frente para a rua quando o carro com dois homens parou; eles ficaram olhando para a nossa mesa. Olhei-os de volta. Ivone, sem virar o pescoço, como se continuasse conversando com Priscilla, que estava à sua frente, disse-me para não olhar. Fingir que não estava “nem aí”. Olhei para Priscilla e ela parecia desconcertada, assustada, pálida. Ivone tentou acalmá-la dizendo que conhecia o sujeito de vista, que ele era “da área” e que ele não iria fazer “nada além de cara feia”. Mas não havia muita segurança na sua voz e ela também parecia bastante apreensiva. O carro ficou parado ali por não mais do que dois ou três minutos e depois estacionou a uns cinco metros à frente. Um dos homens saiu do carro, veio em nossa direção, encarando, enquanto nós três fingíamos estar “nem aí”, passou por nós, andou mais uns metros adiante. Parou e ficou olhando mais um pouco com cara enfezada e, depois, voltou para o carro passando por nós novamente. Permaneceram dentro do carro mais uns dez minutos e depois foram embora.

Quando o carro se afastou, Priscilla disse: “bem que eu ‘tava sentindo minha pomba-gira me avisando”. Minutos antes de o carro aparecer, Priscilla

sugeriu que fôssemos embora, mas, como começou a chover, eu e Ivone quisemos esperar a chuva passar. Disse que estava sentindo o ombro esquerdo arrear e que sempre que sentia isto era um aviso da Maria Padilha para ela ir embora e tomar cuidado. Uma meia hora depois fomos embora e pegamos caminhos opostos, pois Ivone foi para a casa dela e Priscilla foi dormir na minha casa. Alguns minutos depois, Ivone ligou para perguntar se havíamos chegado bem e para contar que o carro estava parado na entrada do Areal (subárea da favela onde Ivone morava), sugerindo que eles estavam nos esperando. Mas apressou-se em dizer que não tinha acontecido nada, pois ela tinha se precavido e pedido a um amigo com quem cruzou no caminho para acompanhá-la até em casa.

Nunca soube se realmente corremos algum tipo de perigo nesse episódio. Mas o fato é que, fora o risco que todos correm ao circular pelas ruas na madrugada de uma cidade como o Rio, essa foi a única vez em que me senti especialmente insegura durante o trabalho de campo.

A frequência intensa de não moradores em Rio das Pedras sugere que a representação da “mineira” como uma ameaça é muito mais eficaz para quem é “de dentro” do que para quem é “de fora” da favela, o que leva a mais uma distinção entre a localidade e as favelas onde o tráfico armado está presente. Podemos pensar que em favelas onde existe este tipo de atuação, os moradores têm trânsito mais livre a partir do domínio dos códigos de circulação do território, enquanto os não moradores, que são desconhecidos no local e/ou desconhecem esses códigos de movimentação no território, temem o espaço. Já em RDP, a imagem de território livre das ameaças de violência do tráfico armado faz com que os “de fora” sintam-se mais à vontade para circular por ali do que os “locais”, uma vez que constantemente ignoram o sistema coercitivo de limitação de circulação (neste caso, matizada por gênero e orientação sexual) oculto sob a imagem da tranquilidade que então era veiculada.¹⁶

O trabalho de campo me levou a compreender outro fator tido como distintivo da localidade de Rio das Pedras: o machismo atribuído aos nordestinos. Procuo indicar neste artigo como tal aspecto relaciona-se à discriminação que recai sobre os “entendidos” e as “entendidas”.

¹⁶ Etnografias mais recentes (Lopes, 2011 e Lobato, 2011), ainda que de maneiras distintas, abordam aspectos da relação entre território e dinâmicas específicas de circulação, matizados por gênero, sexualidade e violência, mas também por inserção em projetos sociais, relações de vizinhança, configurações familiares, além de outros aspectos da vida social de jovens moradores de favelas nas cidades do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte, respectivamente.

(Homos)sexualidade, gênero e ethos viril

Um dos pontos-chave da argumentação de Moutinho (2002) a respeito de Rio das Pedras refere-se à hipótese da constituição de “um padrão de masculinidade que não somente se apresenta como cavalheiresco (ou, em outros termos, não mi-sógino) como evidencia (de maneira mais porosa) uma certa articulação com raça, com a decantada ausência do tráfico de drogas e do tipo de violência que o acompanha” (:228). Seria um *ethos* viril não associado a “um padrão sexual agressivo” que parece “dispensar certos rituais de masculinidade mais arrogantes e coibir abusos sexuais”. Sendo assim, essa feição da masculinidade apreendida pela autora seria substancialmente diferente da que é recorrente nos estudos sobre favela, pois a bibliografia que relaciona favela e gênero enfatiza um *ethos* masculino viril e violento, encenando um padrão de agressividade sexual.

Ao reproduzir a fala de um menino do tráfico em Acari, “eu sou bandido, meto, gozo e vou embora”, Alvito (2001) questiona se este não seria o comportamento esperado na dinâmica hierárquica de um “mundo viril por excelência?” (:145). Também Zaluar (1994), tratando da masculinidade violenta e do papel das mulheres nesse universo, apresenta um exemplo de como as mulheres ocupam um lugar subalterno nessa estrutura, ganhando o estatuto de “coisa”, mero objeto de disputa e mais uma forma de expressar a rivalidade entre os homens.

Desde as primeiras impressões do trabalho de campo, tornou-se clara a necessidade de atenção às diferentes formas de manifestação da violência na localidade, pois, apesar das inúmeras referências à vida tranquila do lugar, a violência doméstica e a violência contra a mulher, por exemplo, surgiram com frequência. Em uma entrevista feita ainda na primeira fase da pesquisa, ao questionar sobre a existência de violência no local, a resposta (já esperada) foi: “Duvido! Aqui é muito tranquilo”. Com o desenrolar da conversa, falando sobre brigas de casais, perguntei se disto não surgiria certa violência e a resposta foi então: “Ah, tem! Uma vez aí, o cara chegou e pegou a mulher com outro, né? Ele foi lá matou o cara, depois a mulher foi e matou o marido, não faz muito tempo não...”.

E o relato prossegue com outras histórias e termina afirmando: “tem muita morte e facada por isso”. Outra moradora contou que, com frequência, acompanha mulheres até a DEAM (Delegacia Especial de Atendimento à Mulher) para prestar queixa dos maridos e relatou casos em que interveio pessoalmente nas brigas.

Durante o período em que morei em RDP ouvi muitas outras histórias, algumas contadas em tom de fofoca por terceiros, outras pelos próprios protagonistas. Narravam cenas e enredos de conflitos encerrados com agressões físicas e geralmente motivados por ciúmes e traições. Cenas protagonizadas por homens e mulheres e também por casais de mulheres, em que a vítima era sempre o/a acusado/a

de ter cometido a traição. Brigas de marido e mulher parecem mesmo ser histórias que se contam de modo corriqueiro em e sobre RDP, muitas vezes, associando-se esse tipo de ocorrência à personalidade do nordestino e à imagem do “paraíba brabo”. Do relatório da pesquisa da Pontifícia Universidade Católica – Rio de Janeiro (LPE, 2000), consta uma entrevista na qual duas moradoras falavam mais uma vez sobre a vida “tranquila” de RDP, porém fazendo a ressalva: “Quando é caso às vezes de acontecer alguma morte, porque existe muito paraíba, é por causa de mulher. Por causa de amante, briga assim por causa de mulher, mas não é por causa de assalto”.

No início do trabalho de campo, focada nos relacionamentos heterossexuais, deparei-me com representações que acionavam certa dimensão de agência na conduta sexual feminina, que muitas vezes evidenciavam práticas sexuais extraconjugais por parte dessas mulheres.

Fonseca (2000), em sua etnografia sobre a Vila São João, em Porto Alegre, localizou no humor uma chave interpretativa para as relações entre homens e mulheres que poderia trazer imagens “diferentes dos estereótipos presentes no discurso normativo” (:139). Eram piadas e fofocas que falavam do homem “guampudo”, ameaçado constantemente pela possibilidade da infidelidade de sua esposa. Nesta situação, o homem aparece como mais marcado e mais vulnerável ao estigma do que a mulher que transgride as regras do casamento, e essa “ameaça de transgressão acaba sendo uma arma na mão da esposa” (:152). Na primeira fase de minha pesquisa, identifiquei algo na conduta sexual das mulheres que pode se aproximar do que fala a autora. Na segunda fase, ouvi muito sobre o machismo dos nordestinos e a opressão sofrida pelas mulheres, mas ouvi isso de não heterossexuais. Certa vez Priscilla me explicou a lógica segundo a qual tal machismo acabaria “refletindo” contra os “gays”:

Rio das Pedras, por ser um lugar de nordestino... eu acho que o nordestino tem uma cultura muito machista, por exemplo, com a mulher, entendeu? E isso se reflete muito negativamente contra os gays e os travestis também, né? Então, isso aí é consequência, infelizmente é uma consequência que vem de uma cultura machista.

Podemos abstrair daí um tipo de discriminação que recai sobre o feminino em geral. portanto, acaba incidindo sobre as homossexualidades, mas em termos diferentes para homens e mulheres. Outra vez Priscilla esclarece:

Como eu falei, Rio das Pedras é um lugar de nordestino – não é preconceito o que eu tô falando, tá? É um fato, uma coisa que eu vejo. Já que eles são muito machistas, [...] é mais complicado um relacionamento homossexual [entre dois homens]. De lésbicas talvez seja mais fácil, porque... a lésbica talvez não aparente que é, entendeu? Às vezes é uma coisa mais escondida, mais incubada, como dizem. Então, isso aí seria uma coisa mais fácil pra sociedade. Mas de travesti... assim, descarado, não. Não. É raro, é difícil. Eu conheço algumas, mas explícito assim é difícil. Conheço mais de lésbica do que de gay e travesti. [...] Tem mais lésbicas, porque elas não aparentam.

Gregori (2004) sugere que o “corpo feminizado” funciona como o lugar da violação, sendo que as bases desta “violação” não se sustentariam sobre “corpos empíricos”, mas sim em relações simbólicas permeadas por cor/raça, disposições estéticas, disposições de gênero e em práticas sexuais ativas ou passivas, portanto, independentes do sexo biológico.

Em Rio das Pedras encontrei uma representação mais ou menos generalizada de que a homossexualidade feminina é mais tolerada do que a masculina, pois seria a que “menos se mostra”. O curioso é que, paradoxalmente, é tida como a que “mais se vê”. Durante todo o período do trabalho de campo, fiquei com a impressão de que em Rio das Pedras somente a homossexualidade masculina das “bichas efeminadas” teria visibilidade, permanecendo oculta a disposição homossexual viril. E a homossexualidade feminina, apesar de ser a que “mais se vê”, seria a menos aparente porque menos ameaçadora da masculinidade heterossexual viril.

Certamente a homossexualidade não se expressa de forma homogênea na região. Ivone, que se intitula – e muitas vezes é reconhecida – como uma das “pioneiras das entendidas” em Rio das Pedras, reclama das “meninas” que “não querem nada”, que “saem com homem, saem com mulher”, evidenciando uma importante diferença em formas de gestão da sexualidade. Diferença esta que pode ser pensada em termos geracionais. A fala de Ivone indica certa implicância com as meninas que não se assumem “entendidas” de fato. Mas também pode aproximar os jovens de Rio das Pedras do padrão de relações, identificadas por Eugênio (2003) e também por Baldelli e Moutinho (2004), entre os chamados “moderninhos” da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Ainda é importante destacar que a zona sul aparece em sua fala como um lugar “liberado” em oposição a Rio das Pedras, que se destaca como mais conservador.

A categoria “respeito” apareceu em algumas falas durante a pesquisa como um bem a ser valorizado, a partir de um autocontrole esperado e uma conduta específica a ser seguida. Existe uma maneira certa de se vestir, de se portar e até mesmo de falar, pois, no dizer de uma entrevistada, “aqui, nem todo mundo igual! [...] você tem que saber pra quem vai se assumir! Não é porque te conheci

agora que vou te assustar [...] eu não tenho problemas porque aqui todo mundo me respeita!”. Ter ou não “respeito” também parece estar diretamente relacionado a construções estéticas de apresentação de si e a performances corporais mais ou menos aproximadas de padrões considerados masculinos ou femininos.

Existem duas vias para que esse “respeito” seja adquirido. Uma é através do trabalho, do autossustento, e a outra vem do “saber onde se mostrar”, já que ser respeitado também significa não “dar pinta” onde não se deve. Nesse sentido, obter os meios para se sustentar é considerado uma condição para “impor respeito” e poder “se assumir”. Porém, demonstrar “excessivamente” a orientação sexual seria tido como desnecessário e, no limite, “falta de respeito”.¹⁷

Certa vez participei de uma conversa em que uma mulher negra, de cerca de 40 anos, aconselhava um rapaz “gay” e também negro. Dizia que ele era muito novo e devia fazer um cursinho, dando a indicação de um pré-vestibular para negros e carentes (PVNC) próximo dali. Ela contava que tinha um filho “gay” e que havia muita discriminação contra “nós, negros”; sendo mulher, haveria mais ainda e sendo “homossexual”, também. E que ela não tinha “nada contra”, mas “por causa da discriminação as pessoas têm que estar preparadas” para poder dizer “Eu sou gay, sim! Eu sou homossexual, sim! Só que eu cuido da minha vida. Eu tenho o meu trabalho e ninguém tem nada a ver com isso”.

Sua argumentação estava embasada no acúmulo de discriminações que recairia sobre quem é negro, “gay” e também morador da favela. A soma dessas desigualdades deveria provocar um maior esforço de desenvolvimento de capitais financeiros e culturais que o habilitassem a superá-las. Segundo ela, fazendo esse cursinho ele estaria apto a disputar “pau a pau” com qualquer “playboy-filhinho de papai” uma vaga na universidade. Essa mulher também disse que não se importava realmente “com essa coisa de raça”, pois “gosta *das pessoas* e isso não importa”. Entretanto, achava importante ensinar “sobre raça” para o filho de 8 anos. Ela contava para o filho: “as pessoas têm preconceito... Isso é ignorância!”. Por esse motivo dizia para ele “ter pena dessas pessoas”, mas somente “para ele ter consciência”, “não para afirmar a diferença” e, por isso, ela era “contra o que falam por aí”.

Esta argumentação deixa entrever como é possível manipular a vitimização extraindo o que dela pode resultar em ganhos imediatos, como um “cursinho” e

¹⁷ Facchini (2008) expõe uma interessante reflexão sobre a dimensão de agência implicada no acionamento e no manejo da categoria respeito entre mulheres não heterossexuais moradoras de bairros da periferia de São Paulo. A garantia do “respeito” aparece relacionada à discricção, mas também pode ser balizada através da constituição de parceiras entre “masculinas” e “femininas”, além de outras nuances muito bem esmiuçadas pela autora.

adiante o acesso à universidade, porém sem se colocar na posição de vítima e sem insistir na afirmação da diferença.

Cena 3

Estávamos todos na casa do Carlos – eu, Ivone (“entendida”, 37 anos, negra), Priscilla (travesti, 22 anos, negra), Carlos (“entendido”,¹⁸ 28 anos) e uma menina, vizinha dele. Carlos resolveu colocar uma música e a voz de Seu Jorge saía das caixas de som quando Ivone comentou: “Ah! Eu admiro muito esse negro aí, admiro muito esse negro!”. Ato contínuo, a vizinha de Carlos disse: “Olha, eu vou te dizer uma coisa, mas você não fica chateada. Não pode dizer negro, não!”. Então, eu ri (não me contive) e perguntei: “Então vai dizer o quê?”. Priscilla riu junto comigo e disse: “Boa pergunta!” e, em seguida, todos começaram a rir e mudamos de assunto. Um tempo depois perguntei para a menina por que ela tinha colocado não poder dizer “negro”. Ela explicou que tinha visto na televisão, que não podia dizer nem “negro” nem “preto”. E que uma mulher ia pegar “não sei quantos anos de cadeia” porque “xingou” alguém de “negro”. Ivone escutou a explicação e explicou que não dizia “negro” em sentido “pejorativo”. E buscou legitimar esse sentido não pejorativo afirmando que ela mesma era negra, que o Carlos era negro e que, “na verdade”, era a mais negra de sua família. Fazendo comparação com a cor da menina,¹⁹ completou dizendo que seus irmãos eram da cor dela ou mais claros.

Ouvindo tudo o que Ivone falava, Carlos interrompeu – e apesar de certo tom de quem faz troça, me pareceu falar sério – “Mas eu sou negro?! Negro não é quem tem beirão?” e, olhando-se num espelho, projetou os lábios para fora simulando um “beirão” com a boca. Então, a menina, que já estava dando em cima do Carlos há algum tempo, abraçou-o dizendo: “Eu adoro negro!”.

Cena 4

Andávamos – eu, Priscilla e Ivone – pela rua perto de minha casa, quando um grupo de rapazes começou a fazer piadinhas direcionadas à Priscilla (travesti, 22 anos, negra), chamando-a de “gostosa” ou “gatinha”, coisa

¹⁸ Muitas vezes Carlos dizia ser “entendido”, mas eventualmente transitava por outras “classificações”. Durante o período em que convivemos, ele se relacionou com homens e mulheres e, na noite em que o conheci, questionado por uma menina sobre sua orientação sexual, ouvi-o dizer: “a música que tocar eu danço”.

¹⁹ Eu não perguntei para a menina como ela se autot classificava. Eu a classifiquei como mestiça ou, como diriam em RDP, “morena clara”. Mas mantive a impressão de que ela se considerava branca.

que era até mesmo corriqueira. Entretanto, desta vez, Ivone (“entendida”, 37 anos, negra) resolveu defender Priscilla: “Fica quieto, paraíba! Ela não quer nada com cearense cabeça chata, não!”.

Claro que essa não foi a primeira vez que ouvi referências agressivas a paraíbas ou cearenses. Desde as primeiras entrevistas já haviam me dito que tal coisa era comum. Mas foi nesse momento que me dei conta de como os termos eram usados como “categorias de acusação” e como xingamentos facilmente acionados, sem maiores constrangimentos.

Estas duas cenas nos permitem captar algo do funcionamento da dinâmica entre cores, raças e origem regional em Rio das Pedras, objetivo deste artigo.

Origem regional, cor/raça e mestiçagem

Como já foi dito, uma característica peculiar de Rio das Pedras é a presença maciça de imigrantes nordestinos²⁰ e daí viria a conformação relativamente “mais clara” de sua população. Alkmin (2002) revela que “[e]m Rio das Pedras ocorre uma significativa distinção étnica: 41% dos entrevistados declaram-se brancos, 48% morenos e 8% negros” (:123).

Moutinho (2002) deixa claro como a complexa conformação de RDP demonstra a necessidade de se compreenderem suas diferenciações internas tendo em vista a “estrutura de poder e prestígio local”, sempre atrelada não só a marcas sociais de gênero, raça e origem regional, mas também a outras marcas, como o local de moradia e a antiguidade. Entre outros aspectos, ao se referir à presença dos nordestinos na favela, a autora nos fala sobre a percepção local do seu papel no controle do tráfico. Esta seria a consequência de um “rígido código de honra e virilidade”, pois durante o trabalho de campo foi comum ouvir “que a predominância nordestina na região era um fator determinante da ausência do tráfico de drogas e do tipo de violência e ameaça familiar que o acompanha” (:239).

A migração nordestina confere uma conformação especial às favelas do Rio de Janeiro de maneira geral. Tanto no que concerne à composição racial, quanto às identidades e moralidades que se constroem a partir da oposição “cariocas”/“paraíbas” e a existência de conflitos mais ou menos explícitos. Em Rio das Pedras, esse tipo de conflito não ocorre de forma acentuada, ainda que essa oposição esteja presente de maneira latente e se articule a outras clivagens

²⁰ O survey realizado em 2000 identificou 54% dos moradores originários da região nordeste. Especialmente dos estados da Paraíba, Ceará e Bahia, respectivamente (Alkmin, 2002).

que contribuem para a estruturação da rede de poder e influência local.

Antes de continuar a discorrer sobre a dinâmica entre cores, raças e a origem regional em Rio das Pedras, é importante esclarecer que, durante todo o trabalho de campo, eu (autoclassificada como mestiça) fui percebida como branca ou “morena clara” e que todas as pessoas com quem mantive contato mais próximo eram negras e não nordestinas. E, ainda, que a cor/raça das pessoas com quem convivi durante esse período me pareceu ser sempre um pouco mais “escura” do que a que os meus interlocutores pensavam sobre si mesmos. Este ponto deve ser levado em consideração em todas as análises que desenvolvi sobre a temática durante a pesquisa.

Certa vez perguntei a Bebel (heterossexual, negra, 35 anos) se haveria muito preconceito em Rio das Pedras. Ela, a princípio, respondeu que não, mas depois:

Olha, se tem, tá guardadinho numa caixinha. Claro que tem preconceito, as pessoas são preconceituosas. É o natural de qualquer pessoa, mas... eu particularmente nunca presenciei. Mas aí você tem que analisar também essa *questão das pessoas serem nordestinas* e tá todo mundo falando: “Fala aí, paraíba... Aquele paraíba...”. Tem essa coisa também: “Ah, tinha que ser paraíba, por isso é que é burro...”. Tem essas coisas. Então, *é um preconceito*, agora em relação à raça mesmo...

Quando lhe perguntei sobre preconceito, o exemplo que ela trouxe foi aquele que incidiria sobre nordestinos. Este seria o que aparece de forma explícita, pois o que se manifestaria em relação à “raça mesmo” seria dissimulado, “guardadinho numa caixinha”. Ao questionar as pessoas sobre preconceito e/ou discriminação, não foi incomum que me dissessem que achavam o preconceito contra os nordestinos maior do que contra os negros: “preconceito aqui tem mais com essa coisa de origem”.

Conversando com um rapaz sobre o baile funk de Rio das Pedras, perguntei se ele percebia alguma diferença na frequência ao baile, se haveria mais brancos ou negros. A primeira resposta foi: “Acho que brancos, tem mais brancos”, depois pensou um pouco e falou: “Morenos. Moreno claro, moreno escuro. Branco, branco mesmo não tem. Tem uns gringos, mas aí...”. Esta é a impressão geral que tenho de RDP, a de que ali são todos “morenos”, mais claros ou mais escuros. Isto não significa que muitos não se percebam negros ou negras, ou que neguem ou não sintam o racismo e a discriminação que por vezes os atingem. No entanto, “moreno(a)” é a categoria genérica mais usada entre esses sujeitos, é a maneira como são considerados pelos demais, e também a forma que escolheram como autoclassificação. Arrisco-me ainda a dizer que o que ocorre em Rio das Pedras é a

racialização da origem regional. Os nordestinos, em geral, podem ser brancos, mas não são brancos assim, porque “branco, branco mesmo só os ‘gringos’”.

Numa outra conversa perguntei a Cláudia (“entendida”, 20 anos) sobre os termos usados para se referir à cor/raça que ela costumava escutar em RDP. Disse-me: “Aqui falam moreno. Eu digo que sou negra e as pessoas dizem ‘morena’ [...] tem essa coisa de que é um pouco mais claro, entra o ‘morena, morena jambo’”. Perguntei por que ela achava que as pessoas falavam desta forma e ela disse que não sabia muito bem, mas que podia ser uma ideia copiada dos EUA. E depois me deu uma explicação em que esta ideia de cópia americana parecia algo invertida: “Porque o Brasil é misturado e tem várias cores, então, as pessoas querem essa coisa de moreno, moreno jambo. E que é diferente só do branco e preto”.

Mencionei anteriormente a maneira “livre de constrangimentos” com que são feitas referências a “paraíbas” e “cearenses” como termos ofensivos, como xingamentos. Indo mais além, diria que discriminar nordestinos é mais “fácil” e mais aceitável do que “pretos”. “Paraíba” ou “cearense” são as categorias de acusação que estão “mais a mão” para serem acionadas. Em outro dia, numa van da cooperativa local que demorava a sair do ponto final, uma das passageiras, irritada com a demora, começou a esbravejar: “Só podia ser paraíba mesmo! Não pego mais o carro desse paraíba!”.

A explicação de Priscilla, quando numa de nossas primeiras conversas perguntei-lhe qual tipo de preconceito ela sofria mais – por orientação sexual, pela cor/raça ou pelo local de moradia – sugere algo bastante interessante e elucidativo:

Bom, num contexto geral, as pessoas não falam diretamente. Por exemplo, se uma pessoa for um negro e a outra pessoa for racista, ela não vai atacar diretamente. Ela vai achar outros artifícios, já que discriminar uma pessoa é crime. Então, ela vai achar outros artifícios para atingir aquela pessoa. Então, no meu caso, se for por preconceito de raça contra mim, ela vai usar talvez o termo mais pejorativo quanto ao gay e não ao negro, entendeu? Então, quanto a mim, poderia ter no mínimo três: um por ser travesti, o segundo por ser pobre e o terceiro por ser negro, entendeu? Se a pessoa tiver preconceito com um desses três e se um for crime, ela vai usar o outro pra atingir, ela não vai se prejudicar.

Seguindo essa lógica, discriminar pela origem regional seria uma forma muito mais livre de desaprovação do que por cor ou raça. assim como a discriminação por orientação sexual ou local de moradia.

Em outra conversa com Priscilla ela disse, deslocando o problema de si mesma para outro mais geral que, “aqui, mais importante pra você estudar do que essa coisa de homossexualidade seriam as mulheres”. Segundo ela, por ter muito nor-

destino e por eles serem muito machistas, as mulheres sofrem mais, “aceitam qualquer coisa só pra ter um teto onde morar [...] tem muita violência contra a mulher”. Então hierarquizou, em ordem decrescente, os problemas que teriam “importância” em RDP: “mulher”, “o social” (querendo dizer a pobreza), “cor/racismo” e, por último, “os gays”. Apesar de Priscilla reconhecer sofrer mais preconceito por sua orientação sexual do que por sua cor/raça, elege “os gays” como última instância a ter “importância” para um estudo.

As classificações de cor/raça em Rio das Pedras assemelham-se bastante à seguinte afirmação:

[...] as categorias não são fixas; pelo contrário, são acionadas em determinados contextos e relações. Negro, branco, preto, moreno etc. tornam-se atribuições que podem variar de acordo com quem fala, como fala e de que posição fala. As formas de manipular esse sistema de classificação não se dão, entretanto, por acaso. Há certas regras de classificação que deixam entrever um complexo jogo de relações de poder (Maggie & Rezende, 2001:15)

Em Rio das Pedras, tanto para sexualidade quanto para cor/raça, pode-se perceber que o debate político em voga sobre ação afirmativa, cotas e correlatos de algum modo acaba chegando até as pessoas. No entanto, a sensação é de que algo desse discurso se perde ou se modifica no caminho. Pensando nas maneiras como (homos)sexualidade e cor/raça apareceram durante toda a pesquisa de campo, notei que já se ouviu falar “daquilo”,²¹ ou seja, das políticas de identidade e da linguagem politicamente correta. Contudo, na adaptação do que se escuta para as práticas da vida diária algo não se realiza, estabelece-se uma discrepância.

²¹ A Cena 3 apresentada mais acima é ilustrativa deste ponto.

Reflexões finais

No espaço deste artigo limitei-me a alinhar ideias, usos e sentidos atrelados a (homos)sexualidade, gênero, cor/raça e origem regional. Estes são termos sempre inseridos em um jogo relacional de diferenciações a serem acionadas, sobrepostas e manipuladas em situações sempre contextuais e muitas vezes contingentes. Analisar todos esses marcadores interseccionados é uma tarefa complexa, sobretudo tendo como pano de fundo um contexto matizado pela alardeada não violência do tráfico de drogas, sua substituição pela agência de outro tipo de controle e moralidade e ainda a forte marca simbólica e regional nordestina.

Trabalhando em torno de questões que evocam a natureza e o que sustenta diferenças culturais e sociais, bem como a maneira pela qual diferenças raciais se conjugam a “antagonismos organizados em torno de outros marcadores como ‘gênero’ e ‘classe’”, Avtar Brah expõe o modo como diferenças muitas vezes são transmutadas em desigualdades e como sujeitos políticos específicos são constituídos no processo de desenvolvimento de resistências e tentativas de superação destas desigualdades. A autora constrói um modelo de análise sofisticado no qual as “estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como ‘variáveis independentes’ porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela” (Brah, 2006:351).

A pesquisa que embasou este artigo teve o seu olhar direcionado para um conjunto localizado e específico de sujeitos e relações. Não convivi durante o trabalho de campo com pessoas engajadas em movimentos sociais, ou qualquer outro tipo de organização política, tampouco que estivessem muito interessadas nos efervescentes debates atuais sobre as chamadas “políticas de identidade”. Desta forma, não abordo diretamente este aspecto.²² Entretanto, acredito que o foco direcionado à abordagem etnográfica, pontualmente exposto aqui através de algumas cenas, permite a apreensão de sentidos modulados em contextos em que sujeitos operam, produzem e são produzidos por marcadores sociais de diferenças. Ou como essas microrrelações podem oferecer ressonâncias para questões colocadas por debates mais amplos a respeito da maneira como marcadores sociais intersectam vivências cotidianas e são constituídos mutuamente a partir de dinâmicas diversas de fixação de diferenças e diferenciações.

As críticas trazidas por Brah nos levam a pensar em como as políticas de

²² Pesquisando entre jovens não heterossexuais na favela da Maré, no Rio de Janeiro, Lopes (2011) dedica especial atenção à dinâmicas de construção de um sujeito político “LGBT favelado(a)”.

identidade podem fazer com que, às vezes sem perceber, passemos a operar com categorias desencarnadas de sujeitos, quando eixos de classificação sempre contingentes, contextuais e relacionais são produzidos, objetivados e cristalizados em categorias políticas identitárias, pois os atores e suas múltiplas experiências podem desaparecer nesse processo em que determinados marcadores ganham relevância em detrimento de outros. Sendo assim, busquei indicar alguns caminhos possíveis de reflexão a partir de uma análise etnográfica de categorias interseccionadas em uso e em circulação na vida social, na qual adquirem sentidos situacionalmente muito próprios e particulares.

Recebido: 25/10/2011
Aceito para publicação: 28/11/2011

Referências bibliográficas

- AGUIÃO, Silvia. 2008. “‘Sapatão não! Eu sou mulher de sapatão!’: Homossexualidades femininas em um espaço de lazer do subúrbio carioca”. *Revista Gênero – NUTEG*, Niterói. 2º sem. Vol. 9, n. 1, p. 293-310.
- AGUIÃO, Silvia. 2007. “*Aqui nem todo mundo igual!*”: *Cor, mestiçagem e Homossexualidades numa Favela do Rio de Janeiro*. Dissertação de mestrado, PPGSC/IMS/ UERJ, Rio de Janeiro.
- AGUIÃO, Silvia. 2004. *Raça e sexualidade em Rio das Pedras: Percepções e Classificações*. Monografia de graduação, Departamento de Ciências Sociais/IFCH/UERJ, Rio de Janeiro.
- ALKMIN, Antonio C. 2002. “A morfologia socioespacial da favela de Rio das Pedras”. In: BURGOS, M.B. (org.). *A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Puc-Rio/ Loyola. 250 p.
- ALVITO, Marcos. 2001. *As cores de Acari: uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 308 p.
- BALDELLI, Débora & MOUTINHO, Laura. 2004. “‘Hoje eu vou me jogar!’ – Indivíduo, corpo e transe ao som da música eletrônica”. *Paper* apresentado na 24ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia. Olinda/Pernambuco. Junho.
- BRAH, Avtar. 2006. “Diferença, Diversidade, Diferenciação”. *Cadernos Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero, Unicamp*, n. 26, p. 331-376.
- BRAZ, Camilo Albuquerque. 2010. *À Meia Luz... Uma etnografia imprópria sobre clubes de sexo masculino*. Tese de doutorado, Programa de Doutorado em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- BRAZ, Camilo Albuquerque. 2009. “Vestido de Antropólogo: nudez e corpo em clubes de sexo para homens”. *Revista Bagoas*, n. 3, p. 75-95.
- BURGOS, Marcelo B. 2002. “Favela, cidade e cidadania em Rio das Pedras”. In: BURGOS, M.B. (org.). *A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Puc-Rio/ Loyola. 250 p.
- CECCHETTO, Fátima R. 2004. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas. 248 p.
- CUNHA, Olívia G. 2001. “Bonde do Mal: Notas sobre território, cor, violência e juventude numa favela do subúrbio carioca”. In: MAGGIE, Y. & REZENDE, C.B. (orgs.). *Raça como retórica: a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 460 p.
- EUGENIO, Fernanda. 2003. “Entre fenômenos e fluxos: estética, amor e amizade no universo gay e “moderninho” da zona sul carioca”. *Paper* apresentado no “Seminário Culturas Jovens e Novas Sensibilidades”, Rio de Janeiro, UCAM.

- FACCHINI, Regina. 2008. *Entre umas e outras: mulheres homossexualidade e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese de doutorado, Programa de Doutorado em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- FONSECA, Claudia. 2000. *Família, fofoca e honra. Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS. 248 p.
- FRY, Peter. 1982. "Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil". In: FRY, Peter. *Pra Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 135 p.
- GREGORI, Maria Filomena. 2004. "Prazer e Perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M". In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M.F. & CARRARA, S. *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond. 448 p.
- GUIMARÃES, Carmem D. 2004 [1977]. *O homossexual visto por Entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond/ CLAM. 120 p.
- KASAHARA, Yuri. 2002. "Favela e bairro: a dinâmica de expansão de Rio das Pedras". In: BURGOS, M.B. *A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Puc-Rio/ Loyola. 250 p.
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. 2002. "A continuidade do 'problema favela'". In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: FGV. 295 p.
- LPE – LABORATÓRIO DE PESQUISA E EXTENSÃO. 2000. "Favela e questão urbana: pesquisa em Rio das Pedras". *Caderno de Sociologia e Política e Cultura*, Rio de Janeiro, Departamento de Sociologia e Política, PUC-Rio.
- LACOMBE, Andrea. 2010. *Ler[se] nas entrelinhas. Sociabilidades e Subjetividades entendidas, lésbicas e afins*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ. 192 p.
- LACOMBE, Andrea. 2005. "*Pra homem já to eu*": masculinidades e socialização lésbica em um bar do centro do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ.
- LEEDS, Anthony. 1978. "Poder local em relação com instituições de poder supralocal". In: LEEDS, A. & LEEDS, E. *A Sociologia do Brasil Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar. 327 p.
- LEITE, Márcia Pereira. 2000. "Entre o individualismo e a solidariedade: dilemas da política e da cidadania no Rio de Janeiro". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo (ANPOCS). Outubro 2000. Vol. 15, n. 44, p. 73-90.
- LOBATO, Ana Laura. 2011. *Trajetórias afetivas e sexuais entre jovens de periferia, Belo Horizonte*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- LOPES, Paulo Victor Leite. 2011. *Sexualidade e Construção de si em uma favela carioca: pertencimentos, identidades, movimentos*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ.

- MOUTINHO, Laura. 2004. *Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: Unesp. 452 p.
- MOUTINHO, Laura. 2000. “Considerações sobre violência, gênero e cor em Rio das Pedras”. In: BURGOS, M.B. (org.). *A utopia da comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Puc-Rio/ Loyola. 250 p.
- VIANNA, Hermano. 1988. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 124 p.
- VIANNA, Hermano. 1996. “O funk como símbolo da violência carioca”. In: VELHO, G. & ALVITO, M. (orgs.). *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Editora FGV. 367 p.
- ZALUAR, Alba. 2004. “Apresentação”. In: CECCHETTO, F.R. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 248 p.
- ZALUAR, Alba & ALVITO, Marcos. 1998. “Introdução”. In: ZALUAR, A. & ALVITO, M. (orgs.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas. 360 p.
- ZALUAR, Alba. 1994. *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Revan/ Ed. UFRJ. 280 p.